

medida que mergulhamos no longínquo das idades, liga-se, sem solução de continuidade, aos microscópios elementos que nasceram, há mais dum bilião de anos (1), a expensas da crusta terrestre.

A sua formação foi rigorosamente fortuíta. Acidente entre os acidentes, é o resultado duma série de acasos (2), o primeiro e o mais importante dos quais foi a génese espontânea (3) destes estranhos compostos do carbono que se associaram em protoplasma.

O homem não é em nada a obra duma vontade lúcida, não é mesmo o resultado dum esforço surdo e confuso. O seu nascimento não fazia parte de nenhum programa cósmico. Os processos cegos e desordenados que o conceberam não procuravam nada, não aspiravam a nada, não tendiam para nada, nem mesmo dum modo muito vago. Nasceu sem razão e sem fim, como nasceram todos os sêres, não importa como, não importa quando, não importa onde. A natureza não tem preferência, e o homem, apesar de todo o seu génio, não vale para ela mais do que qualquer outra espécie, dos milhões de espécies que a vida terrestre produz. Se o tronco comum dos primatas tivesse sido seccionado na sua base (4) por qualquer acidente geológico, jámais a consciência reflectida teria aparecido sobre a terra. De resto, é possível que no decurso dos séculos certas linhagens orgânicas tenham sido eliminadas, e que poderiam ter dado origem a formas mais completas do que a nossa.

Fôsse como fôsse, o homem apareceu. Duma certa linhagem animal, que em nada parecia prometida a um tal destino, saiu um

(1) Aproximação impossível de precisar.

(2) «... o acaso não significa de modo algum, ausência de determinismo, como pretendem certos espiritualistas, mas corresponde a um conjunto de condições causais, demasiado complexo para ser analisado pelos nossos meios científicos actuais». (Marcel Prenant).

(3) Tratámos em «Síntese» n.º 7 pág. 21.

(4) Isto é: se fôsse interrompida logo de início a série de primatas que pela evolução deram origem ao Homem.

dia o animal que devia inventar o cálculo integral e sonhar a justiça... O pessimista terá o gosto de deplorar a vinda desta criatura paradoxal, esmagada pela sua superioridade, que não deve o acréscimo dos seus tormentos senão à hipertrofia da sua inteligência e da sua emotividade, que atravessa a vida no terror da morte, que se prende ferozmente a outras criaturas efêmeras, que demasiado ou demasiado pouco bestial sofre quando reprime os seus instintos, e não sofre menos quando lhes cede, que não sabe defender o seu coração contra os sonhos que a razão lhe interdita.

É verdade que, apesar dos seus conflitos e dos seus tormentos, a humanidade persiste há centenas de séculos. Logo, é porque, estatisticamente pelo menos, os homens preferem o sêr ao não-sêr. E é quanto basta para que o optimismo triunfe, êle que se contenta com pouco.

Mas deixando ao moralista o cuidado de pesar as dôres e as satisfações individuais, perguntamos o que é que o homem, enquanto membro da espécie, pode pensar de si mesmo e do seu labor.

Certamente, pensando nas suas origens, deverá considerar-se com muita complacência. Este neto de peixe e bisneto de lesma, tem direito a certo orgulho de vencedor. Até onde não irá êle no seu domínio das forças naturais? Que sêrêdo não arrancará êle à natureza? Amanhã libertará a energia intra-atômica, viajará nos espaços interplanetários, prolongará a duração da sua própria vida, combaterá a maior parte dos males que o assaltam, e até os que as suas próprias paixões criam, instaurando uma ordem melhor nas suas colectividades.

Que destino virá a ter a sua obra, o seu esforço? De tudo isso, que restará um dia sobre o grão de areia em que reside? A espécie humana há-de passar, como passaram os dinosáurios e os estegocéfalos (1)...

Pouco a pouco, a pequena estrêla que nos

(1) Animais anti-diluvianos.